

Contemporânea da Biblioteca Nacional, de que se aposentou em 1993.

Se este percurso se lembra, não é por obsoleto biografismo, mas porque é, de alguma maneira, mesmo que elípticamente, indissociável da escrita. Se o poeta é autor de um livro como *Meditação em Samos*, difícil se torna esquecer a opção universitária que ele fez. De resto, tudo nesta precisa obra, das epígrafes às figuras referidas, remete para uma reflexão que aproxima o poético do filosófico, com uma liberdade, porém, que o mais conhecido dos seus poemas, “Jamais a ordem como quem ordena” particularmente resume: “Existe a lei aqui mas não de pedra:/ um livre rumo ao homem que se quer/ em certa direção quando navega”. Assim como a proximidade ao mundo natural de tantos dos seus poemas, ao “macio contraste das paisagens”, ou “ao odor de juncos e de relvas/ tangíveis, assombrosas, espalhadas/ pelo frescor das valas” não é de todo alheia à memória das vivências juvenis do regente agrícola.

O MAIS CLARO EXEMPLO DE EXALTAÇÃO amorosa na poesia de JRS vamos encontrá-lo num livro de 1994, de título bem elucidativo, *Sonetos de Cogitação e Êxtase*. Em alguns dos seus textos, todos eles moldados na forma fixa de que Camões é, entre nós, modelo insuperável, paira a sombra tutelar do autor das *Rimas*, especialmente perceptível quer no soneto que tem como título “Amo tanto o amor como a amada...”, quer num outro que se apresenta explicitamente como “Adenda a um poema de Camões”, e que é uma glosa do verso inicial de “Babel e Sião”. Logo a seguir, deparamos com o poema que encerra a coletânea intitulada “Mito”, e que parte de um famoso verso da *Mensagem*, “O mito é o nada que é tudo”.

Ora o verso de Pessoa permite-nos passar a uma outra faceta do labor de JRS, a de organizador de edições e ensaísta, e em que, em relação ao autor de *MENSAGEM*, se distinguem duas obras de manifesta relevância, a indispensável *Fotobiografia de Fernando Pessoa: 1902-1935*, de 1988, e a 2ª edição, revista e aumentada do ensaio *Fernando Pessoa Empregado de Escritório*, de 2010. Neste âmbito, haverá ainda que mencionar a 2ª edição das *Poestas Completas de Adolfo Casais Monteiro*, em 1993, e a edição de *Poesia e Alguma Prosa de Mário Saa*, em 2006, sem esquecer o livro que dedicou, em 1998, a um seu companheiro de aventura literária, *António Ramos Rosa ou o Diálogo com o Universo*.

Quer na nota editorial do último JL, que acompanhava a notícia da morte de João Rui de Sousa, quer no texto que aí lhe dedicou António Carlos Cortez, eram referidos os prémios literários que ao poeta foram atribuídos. Importaria, aqui, lembrá-los: Prémio do Pen e do Centro Português da Associação Internacional dos Críticos Literários a *Obra Poética (1960-2000)*, 2002, Prémio de Poesia Teixeira de Pascoas a *Quarteto para as próximas chuvas*, 2008, e consagração pela APE com o Prémio *Vida Literária*, 2012. Por sua vez, a Biblioteca Nacional, por ocasião dos 90 anos do poeta e ensaísta, celebrou a sua obra através de uma mostra e de um encontro, em que falaram José Manuel de Vasconcelos e eu próprio, e Ricardo Marques leu poemas seus.

A terminar, destacaríamos, dos livros posteriores a 2002, o *Quarteto...*, uma das suas obras mais poderosas, sempre assente na “presença das coisas”, e uma breve *Ardorosa Símula*, de 2016, em que vibra uma “Intensificação”, que é um dos mais perfeitos exemplos da sua lírica amorosa. JL

Pedro Almeida Maia Uma saga açoriana



OS DIAS DA PROSA
Miguel Real

Como aqui escrevemos aquando da publicação de *Ilha-América*, em 2020, “Pedro Almeida Maia (PAM), nos Açores, nos anos recentes, tem sido o autor que mais longe tem levado a capacidade de contar (de um modo original) uma história singular, emprestando-lhe uma fluência sintática e uma imaginação semântica e uma impressionante maleabilidade conectiva entre ideias, sempre avançando na ação para sempre retornar ao ponto de partida, reinterrogando de outro modo o que aparentemente já fora solucionado, desenhando, assim, um verdadeiro labirinto de conceções ideológicas a partir da caracterização das personagens e dos ambientes físicos no interior de um estilo realista. Há, este século, de facto (não é uma questão de opinião), um novo horizonte para o romance açoriano que opera a dissociação entre realismo e melancolia, marca de água da maioria dos escritores açorianos no último século, e PAM encontra-se no centro deste furacão literário que certamente marcará a literatura açoriana do século XXI, uma literatura que, como Onésimo T. Almeida escreveu, se afirma no horizonte de uma escrita «ágil, incisiva e vivaz (...) que capta e aprisiona a atenção do leitor», o que significa uma literatura mais viva e menos intelectualista, menos carpidora melancólica de um passado histórico nefasto. Há, parece-nos, uma nova geração de escritores açorianos que se afasta totalmente do lirismo melancólico que tem caracterizado, com exceções, a literatura do arquipélago”.

Ilha-América narra história real de um jovem açoriano, de Santa Maria, que foge para a América no vão da roda de um avião, história real. O novo livro de PAM narra a história de uma menina pobre de Ponta Delgada, Rosário, que emigra para o Brasil em 1870 e descreve a sua saga nesta terra do ex-Império. Enquanto Rosário se encontra em Ponta Delgada, é narrada a história da cidade, os seus grupos sociais, a falência dos laranjais como genuína riqueza açoriana e a ingente pobreza dos campos. Quando Rosário parte para o Brasil, para onde fora seu pai, que nunca dera notícias, o seu padraсто, Elias, morre às mãos de uma curandeira. A menina parte com a mãe, Adelaide, que falece na viagem. Estamos nuns Açores de mentalidade medieval. As condições da viagem da população pobre açoriana reproduzem as condições da viagem dos escravos negros do Golfo da Guiné para a América. E, de facto, Rosário é vendida como escrava mal chega ao Rio de Janeiro. Durante toda a sua estadia no Brasil, Rosário é acompanhada por um terço que lhe dera a tia Clara, freira no convento de Nossa Senhora da Esperança, e pelo romance *Amor de Perdição*, que Rosário furtara à tia.

Como escrava, Rosário é posta a render como prostituta: “Para os homens do Rio, a mulher açoriana era uma mercadoria aferida há décadas, com selo de qualidade e reconhecimento na praça, graças à regularidade da sua importação” (pp. 116 - 117). Através de um cliente que lhe oferece desenhos, Rosário pensa ter descoberto o rosto do seu pai num deles (nunca o vira, mas intuíra), sabe pelo “cliente” que os retratos tinham sido pintados em Santa Catarina, vai a esta ilha e descobre quem os pintara: uma senhora que só pinta retratos de mortos. O pai, o seu possível salvador no Brasil, já morrera (pp. 124 - 125). Rosário regressa ao cortiço para a sua vida de alhuguer do

corpo e apanha febre-amarela, foi salva pelas implorações que fizera ao Senhor Santo Cristo da infância, mas caiu à cama de novo varada por varíola e tuberculose. Salva-se, mas é expulsa do cortiço, abandonada no Rio. Roubam-lhe a mala, Rosário persegue uns pretos e vai dar a uma baíuca de negros do candomblé da Bahia, encontra Maurício, o padreiro quase anão, seu colega do porão do *Líadador*, que a trouxera de Ponta Delgada. Não acabaram as provações da saga de Rosário de Santa Clara, muito pelo contrário, mas presumimos que o leitor já estará aclimatado ao ambiente histórico do romance e certamente curioso do modo como continua e acaba.

Como pratica PAM o romance histórico? Com epígrafes das duas maiores poetisas açorianas (Marianna Belmira de Andrade, autora da *Sibylla*, séc. XIX, e Natália Correia, séc. XX), poder-se-ia julgar precipitadamente que o lirismo seria o modo predominante da escrita do autor, mas rapidamente se percebe

que PAM entrelaça o seu lirismo com o rigor histórico mais factual. Se nos fosse permitido alguma liberdade, diríamos que, como José Saramago, PAM inverte o teor da conhecida epígrafe de Eça de Queirós à *Relíquia*: “Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia”. Para Saramago, como o declara em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, como para PAM de *A Escrava Açoriana*, a epígrafe deveria rezar assim: “Sobre o manto diáfano da fantasia, a nudez forte da verdade”.

Ou seja, a ficção ou a fantasia em primeiro lugar, o que Pedro Almeida Maia faz em absoluto, criando a personagem Rosário como centro da ação, ficionando a sua avida açoriana e brasileira, emprestando à ação um tom lírico (as cores, as paisagens, os sabores, a mestiçagem, as rezas, o pio do milhafre, frases retidas de *Amor de Perdição*, o uso de metáforas irónicas na descrição das maiores desgraças, a aparente ingenuidade das prostitutas, como evidência a sua amiga de cortiço, Fevereiro, uma são-jorgense), depois, a envolvê-la (à ficção), dando-lhe substância, o rigor da história, mostrando, à João de Melo, como, nos finais do século XIX, a pobreza medieval grassava nos Açores e, à Jorge Amado, como a escravatura era praticada em negros e brancos no Brasil.

(Pela primeira vez em romance, que saibamos, a palavra “processar” (p. 170), termo informático, é usada como sinónimo de “pensar” humano. Causou-nos estranhice, porventura dentro de 50 anos será um sinónimo normalizado.) JL



Pedro Almeida Maia



> A ESCRAVA
AÇORIANA

Cultura Editora, 223 pp., 17,50 euros.